

VIAJANDO EM TORNO DE PELÉ: CONSTRUÇÕES LITERÁRIAS DO “REI” – BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA

TRAVELING AROUND PELÉ: LITERARY CONSTRUCTIONS ABOUT THE “KING” – BIOGRAPHY AND AUTOBIOGRAPHY

VIAJANDO ALREDEDOR DE PELÉ: CONSTRUCCIONES LITERARIAS SOBRE EL “REY” – BIOGRAFÍA Y AUTOBIOGRAFÍA

Natasha Santos Lise*, Riqueldi Straub Lise*, Miguel Archanjo de Freitas Junior, André Mendes Capraro***

Palavras chave:
Futebol.
História.
Literatura.
Identidade nacional.

Resumo: O objetivo do estudo é analisar duas produções biográficas, pensando como foi construída e quais seriam as características da imagem do personagem Pelé. Dessa forma, busca-se estabelecer aproximações e distanciamentos que se alinham à teorização de Mario Filho, no que se refere à mestiçagem. A fim de tecer o estudo de tais fontes, recorre-se ao uso da análise literária, com base na noção de fusão entre texto e contexto de Antonio Candido. É possível perceber que todas as obras tratadas estão relacionadas por um único objetivo: mitificar Pelé, por meio do enaltecimento ao mestiço – característica identificada à época como tipicamente brasileira.

Keywords:
Soccer.
History.
Literature.
National Identity.

Abstract: The objective of the study is to analyze two biographical productions about Pelé in order to understand how they build an image about him. We thus aimed to establish similarities and differences that align to Mario Filho's theory about miscegenation. In order to study such sources, we used literary analysis based on Antonio Candido's notion of fusion between text and context. It was possible to notice that the works approached are related by a single goal: idolizing Pele, through exalting the mestizo – a trait seen as typically Brazilian at the time.

Palabras clave:
Fútbol.
Historia.
Literatura.
Identidad Nacional.

Resumen: El objetivo del estudio es analizar dos producciones biográficas para saber cómo fue construida y cuáles serían las características de la imagen del personaje Pelé, para establecer similitudes y diferencias que se alinean con la teoría de Mario Filho con respecto a la mezcla de razas. Con el fin de tecer el estudio de tales fuentes, se usa el análisis literario basado en la noción de fusión entre texto y contexto, de Antonio Candido. Se puede ver que todas las obras tratadas están relacionadas por una sola meta: mitificar a Pelé mediante la exaltación del mestizo – característica considerada típicamente brasileña en esa época.

*Universidade Federal do Paraná.
Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: natashalise@gmail.com

**Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Ponta Grossa, PR, Brasil.
E-mail: mfreitasjr@uepg.br

Recebido em: 15-03-2016
Aprovado em: 11-02-2017



1 INTRODUÇÃO

Sob o título de *Eu Sou Pelé*, o então repórter e cronista esportivo Benedito Ruy Barbosa¹ descreveu, em 1961, a trajetória de Pelé, segundo as narrativas do próprio jogador. O escritor viajou cerca de dois meses com a delegação do Santos Futebol Clube pelas Américas, e foi ali que o livro se iniciou. As entrevistas se prolongaram atendendo a um novo objetivo: tratar de aspectos da vida do jogador, que, na sequência, seriam retratados em um filme. O filme é *O Rei Pelé*, de 1962, com roteiro do próprio Benedito Ruy Barbosa e diálogos do teatrólogo Nelson Rodrigues, pautados na biografia que traz Pelé como autor. No que se refere a essa biografia, verifica-se uma complexa relação quanto à autoria da obra, pois, de acordo com a apresentação do livro, Benedito Ruy Barbosa teria apenas ajudado o atleta na escrita, “[...] sem desfigurar seus pensamentos, suas afirmativas, coordenando a história, dando-lhe uma sequência lógica que nem sempre Pelé obedeceu” (BARBOSA *apud* NASCIMENTO, 1961, p. 9). Apesar disso, a autoria é atribuída a Pelé, na capa do livro.

Posteriormente, em *Viagem em Torno de Pelé*, de 1963, Mario Filho apresenta a que seria a “biografia do primeiro cidadão do mundo que o Brasil já produziu”², desenrolando a trajetória do jogador em paralelo à da seleção brasileira nas Copas de 1958 e 62. Na tentativa de uma proximidade à estética literária, Mario Filho desenrola a vida do jogador como a um romance, com um enredo em que o protagonista é um menino pobre e negro, que passa por uma série de dificuldades, mas, no final, conquista o seu reinado. Da infância ao “reino”, o cronista descreve uma história de amor duradoura: entre Pelé e a bola – a “menina”.

A partir de tais versões sobre a vida (especialmente a futebolística) do jogador, o objetivo do estudo proposto é analisar as obras biográficas *Eu sou Pelé*, de 1961, e *Viagem em torno de Pelé*, de 1963, pensando em como foi construída e quais seriam as características da imagem do “personagem” Pelé. Dessa forma, busca-se estabelecer aproximações e distanciamentos que se alinham à teorização de Mario Filho – pautado em Gilberto Freyre –, no que se refere à mestiçagem. Optou-se pela escolha das biografias escritas por Benedito Ruy Barbosa, em 1961, e por Mario Filho, em 1963, pelo fato de se localizarem entre a euforia da primeira vitória brasileira, no Campeonato Mundial de 1958, e a expectativa/conquista do bicampeonato em 1962. Nesse sentido, de que forma Pelé é retratado em tais obras? Seria o Pelé dos livros em questão a perfeita personificação do herói mulato, cujo êxito culminaria com a harmonia racial exposta em *O Negro no Futebol Brasileiro* (de 1947 e 64) de Mario Filho?

A fim de tecer o estudo de tais fontes, recorre-se ao uso da análise literária, com base na noção de fusão entre texto (estética literária e autonomia do autor) e contexto (elementos históricos e sociais), de Antonio Candido (2000). Embora Mario Filho cite em sua produção o uso de algumas fontes – como, por exemplo, jornais – e apesar de Benedito Ruy Barbosa defender que “[...] não houve a mínima preocupação de se criar uma obra literária. É só a narrativa de uma vida, por aquele que a viveu” (BARBOSA *apud* NASCIMENTO, 1961, p. 9), considera-se aqui a biografia como um gênero fronteiro, isto é, situado na intersecção entre ficção e realidade (GINZBURG, 2004). Haja vista o uso das fontes – embora estas não sejam citadas,

1 Antes de se tornar um dos nomes mais reconhecidos da teledramaturgia brasileira, Benedito Ruy Barbosa atuou como jornalista – tendo, inclusive, estreado na sessão esportiva do jornal Última Hora, como repórter – e posteriormente escreveu peças de teatro. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/benedito-ruy-barbosa/trajetoria.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

2 Apesar de personalidades como Santos Dumont, Jorge Amado e Carmem Miranda já serem reconhecidas no exterior, ao se utilizar de tal contundência em relação a Pelé, Mario Filho parece o fazer no sentido de, mais uma vez, destacar a negritude do brasileiro. Ao tratar o jogador como o primeiro cidadão do mundo produzido pelo Brasil, pode-se inferir que o autor está se referindo ao primeiro cidadão negro produzido pelo Brasil, uma vez que o negro seria a essência do ser brasileiro.

nem tratadas segundo a lógica científica –, há um esforço em se manter próximo à realidade, buscando o relato da “verdade” sobre a vida de Pelé. Todavia, de maneira concomitante, esse estreitamento aos fatos vem amalgamado a uma escrita que tende para a estética literária, bem como para um envolvimento dos autores, interferindo no sentido do enredo da história. O mesmo acontece quando se baseia no relato do biografado, pois este é um olhar sobre o próprio passado do indivíduo, o qual acaba assumindo, por vezes, tom de justificativa e mesmo certo embelezamento de determinadas situações vivenciadas.

Junto à análise das biografias, buscou-se respaldo, como fonte secundária, no filme *Rei Pelé*, de 1962, tendo em vista que tal obra se coloca como uma extensão do livro *Eu sou Pelé*, sendo, portanto, de fundamental importância considerar as repercussões desta produção fílmica. Todavia, cabe ressaltar que o objetivo do estudo, em relação ao filme em questão, é apresentá-lo enquanto meio de reverberação da autobiografia e não o analisar profundamente, segundo suas particularidades cinematográficas.

Ainda nesse sentido, fez-se uso da análise literária também para tratar do filme de Pelé, uma vez que, para tal, foi analisado apenas o roteiro da obra – o qual, assim como a literatura, refere-se a uma produção artística, cercada por elementos ficcionais e estéticos.

Mas, para a História do Esporte – e conseqüentemente para a Educação Física –, qual a relevância da investigação de um filme sobre Pelé, entre tantos outros?

A década de 1960 – foco deste artigo – se referia a um momento não apenas politicamente conturbado, como também de continuidade de um esforço iniciado ainda na Semana de Arte Moderna de 1922, que buscava o estabelecimento de uma identidade brasileira nas artes – lembrando que a discussão acerca do que viria a ser a identidade do brasileiro teve início por volta do fim do século XIX (ORTIZ, 1994). Essa iniciativa abrangia a literatura, as artes e, posteriormente, a música, o teatro, o cinema e, claro, o esporte – especialmente, o futebol³. O esporte em questão foi colocado e reforçado por literatos – através das crônicas, em especial – como uma prática essencialmente nacional, cujas peculiaridades brasileiras seriam a ginga, a malícia e o improviso no jogo (SOARES, 2003). A partir da observação do esporte enquanto um fenômeno social das massas, intelectuais passaram a refletir sobre dilemas envoltos na sociedade brasileira, expressando-se por meio de produções artísticas das mais variadas.

Assim, as proposições “popularizadas” de Gilberto Freyre (as quais serão abordadas a seguir), no que concerne ao homem negro e mestiço, bem como à sua singularidade no esporte, ganham força e são reafirmadas por literatos brasileiros, via jornais, principalmente. Freyre influenciou uma geração de literatos e contribuiu para uma nova interpretação do Brasil, segundo a qual a figura do mestiço se fazia valer nas representações futebolísticas (SOARES, 2003).

Nesse sentido, a análise da relação entre a autobiografia, sua extensão fílmica e a biografia de Pelé não está relacionada apenas ao uso da literatura ou linguagem fílmica sobre uma figura esportiva. Mais do que isso, trata-se de perceber as construções acerca de um jogador negro, no auge de sua carreira, que possivelmente dialogava com os ideais identitários edificadas pelos intelectuais brasileiros de então. Tratar deste assunto significa, portanto, fugir das grandes avenidas da história do esporte e aproximar-se do micro, isto é, daquela pequena parcela da história que ficou obscura por estar relacionada à arte e não ao documento.

³ Para mais detalhes ver: SANTOS, 2012.

2 CINEMA, BRASIL E “O REI PELÉ”

O cinema brasileiro moderno, do qual o maior exemplo é o Cinema Novo, nasceu em clima de otimismo quanto à possibilidade de transformação da sociedade, contemplando o sentido de fazer filmes, acima de tudo, estimulantes, mesmo que “mal feitos” (CARVALHO, 2006). Inspirados pelo neorealismo italiano, bem como pelo cinema independente brasileiro da década de 1950, os cinemanovistas, como aponta Carvalho (2006), pretendiam elaborar filmes originais, tanto em conteúdo como em forma, o que exigia, por consequência, uma maneira de filmar inédita. Uma maneira que deveria conviver com a falta de equipamentos e estrutura, mas, ao mesmo tempo, sem deixar de contemplar a mensagem sobre a qual o cinema brasileiro deveria falar. Daí todo o radicalismo e violência na linguagem da década de 1960.

O retorno ao passado era uma das principais temáticas, por meio das quais estabeleciam-se discussões sociais, políticas e econômicas. Essa “recuperação” intrincada da história do Brasil significava uma resposta artística à colonização brasileira ainda não superada, sobretudo na esfera cinematográfica. Desse modo, os primeiros longas-metragens traziam temáticas desde o período da escravidão, no século XVII, até a vida nas grandes cidades da década de 1960. E, junto à discussão da realidade por meio do retorno ao passado, estava também a ambição dos jovens cineastas, que viam, a cada filme, a possibilidade de reescrever um novo capítulo da história do Brasil. Tal retorno à história se deu por meio de três grandes áreas temáticas: a escravidão, o misticismo religioso e a violência predominante na região Nordeste, bem como, mais tarde, os acontecimentos políticos e a modernidade brasileiros (CARVALHO, 2006)⁴.

E é diante desse contexto que foi produzido o filme *O Rei Pelé* em 1962, com estreia em 1963. Dirigido por Carlos Hugo Christensen⁵, produzido por Fábio Cardoso, inspirado na biografia de Pelé escrita por Benedito Ruy Barbosa e trazendo diálogos de Nelson Rodrigues, *O Rei Pelé* foi bastante criticado. Tal como aponta Victor Melo:

Christensen optara por uma narrativa mais tradicional e por uma estrutura semi-documental em seu filme, que chegou a ganhar o prêmio “Governador da Guanabara de 1963”, instituído por Carlos Lacerda. Mesmo que dividiu o primeiro lugar com “Vidas Secas”, de Néelson Pereira dos Santos, tendo ficado “Garrincha” em segundo lugar, a premiação do filme de Carlos Hugo desencadeou polêmicas, pois os cineastas do Rio de Janeiro o consideravam um filme menor. Na verdade, se “Garrincha” foi um filme polêmico, “Rei Pelé” foi quase unânime entre os críticos: não é uma película bem realizada (MELO, 2006, p.19).

Retornando às fontes, é possível perceber que o filme sobre a vida de Pelé prometia ser uma produção de grande impacto: “O filme sobre a vida de Pelé está destinado a tornar-se uma grande obra da cinematografia brasileira” (DIÁRIO DA NOITE, 29 set. 1962, s/p).

Tal como apontam outros jornais, antes mesmo do início das filmagens, o filme já havia sido vendido para os Estados Unidos, Japão e Europa (ULTIMA HORA, 31 jul. 1962), muito possivelmente por se tratar de uma película que trazia Pelé como principal assunto.

4 Como, por exemplo, *Ganga Zumba, rei de Palmares* (1963) e *Os herdeiros* (1970), de Carlos Diegues; *O desafio* (1965), Paulo César Saraceni; *Barravento* (1962), *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), *Terra em transe* (1967) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), de Glauber Rocha. Fora da ficção, há uma produção de documentários que reforça o interesse do Cinema Novo pela dimensão histórica dos acontecimentos, contemplando vários aspectos da realidade brasileira, como o futebol em *Garrincha, alegria do povo* (Joaquim Pedro de Andrade, 1962); o analfabetismo em *Maioria absoluta* (Leon Hirszman, 1964); a questão étnica em *Integração racial* (Paulo César Saraceni, 1964); a política em *Maranhão 66* (1966), *Amazonas* (1965) e *1968* (1968), de Glauber Rocha; e ainda o cinema em *Colagem* (1966) e *Mauro, Humberto* (1964), de David Neves.

5 Carlos Hugo Christensen foi um cineasta argentino que fez filmes na Venezuela, no Peru e no Brasil. Lutava pelo cinema argentino, colocando-se contra os idealismos políticos na produção fílmica. Porém, frente a seu insucesso, acaba se estabelecendo no Brasil. Seu último filme data de 1996: “A Casa de Açúcar”.

Sobre o filme propriamente dito, trata-se de um diálogo entre o produtor Fábio Cardoso e Pelé, em que este começa a contar a sua história. É aí que as imagens do passado vão aparecendo e a história do craque toma corpo.

“Filho de vosmecê vai ser rei. Rei o filho. Rei do mundo!” (CHRISTENSEN; CARDOSO, 1962). Esta é a frase da parteira que dá início ao filme, seguida de uma assertiva tipicamente rodrigueana: “Este filme está baseado em fatos absolutamente reais, segundo o depoimento do próprio Pelé, seus familiares e das pessoas que com ele convivem desde sua infância”.

Não se pode esquecer que, em 1962, Edson Arantes do Nascimento já era um reconhecido campeão mundial, isto é, o enredo e as abordagens que apontam para uma predição são utilizados com o provável intuito de reforçar um fim já conhecido – no caso, o sucesso futebolístico de Pelé.

E por aí segue a história, com algumas inserções da imagem de Nelson Rodrigues datilografando passagens como: “E chegou o trágico ano de 1950. Já profetizado por Nostradamus no século XVI...”; ou, ainda sobre a derrota de 1950: “Como em todos os brasileiros, a ferida demorou a cicatrizar no coração de Pelé” (CHRISTENSEN; CARDOSO, 1962). Tais assertivas em muito se aproximam da narrativa de Mario Filho, na versão de 1964 de *O Negro no Futebol Brasileiro*, em que o autor descreve o dia 16 de julho de 1950, como um episódio marcado por “gritos de viúvas sicilianas” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 335), tamanha a tristeza pela derrota brasileira.

Além dessa proximidade a Mario Filho, tal ideia é retomada ao longo do filme no sentido de tratar Pelé como um brasileiro que joga futebol, não como uma profissão, mas pelo Brasil. Sendo a tristeza vivida em 1950 o motivo para jogar sempre bem – ao contrário dos negros Juvenal, Bigode e Barbosa que, ainda segundo Mario Filho (1964), teriam sido reconhecidamente os responsáveis pela derrota de 1950⁶.

A questão racial é inerente à abordagem do roteiro, assim como a ética de Pelé. Quando criança, por exemplo, Pelé e os companheiros de equipe roubavam amendoim de vagões parados, para comprar calções e camisas. O roubo é, de certa forma, justificado, por ser um mal para um bem maior: comprar o uniforme do time. Um roubo apontado pelo filme como algo tão inocente que os meninos continuariam a jogar descalços, pois as chuteiras eram muito caras e, conseqüentemente, os garotos precisariam roubar mais – o que eles poderiam ter feito, mas não o fizeram.

Da infância, a narrativa passa já à adolescência de Pelé. É quando se rompe com a narrativa do filme, retomando o diálogo entre Fábio Cardoso e o jogador – centro da narração. Cardoso pergunta se Pelé foi alvo de racismo. O jogador afirma nunca ter passado por isso, mas logo volta atrás, dizendo que sofreu apenas uma vez: quando o pai de uma menina branca (que, por sinal, vem a ser Silene, a grande paixão adolescente de Pelé) diz que não quer ver a filha conversando com um “crioulo”.

Mais uma vez, o pai de Silene encontra Pelé. Desta vez, com o intuito de suborná-lo, pois havia apostado na derrota do Baquinho (time de Pelé). O jogador segue o conselho de seu pai, que dizia que jogador nenhum se vende e, certa vez, o que se vendeu foi cuspidado pelo time inteiro. No dia do jogo, porém, Pelé perde três gols e a equipe adversária marca um. Ao

6 Muito embora, cabe lembrar que não foi identificada essa responsabilização nos periódicos da época, como nos estudos de: ABRAHÃO, SOARES (2009); SANTOS, LISE, CAPRARO (2010); e CAPRARO, SANTOS, LISE (2012).

término do jogo, o pai de Silene entrega o dinheiro a Pelé, que rasga nota por nota, pois não jogou mal de propósito.

Pensando nessa cena do filme que, cabe lembrar, se respalda na biografia de Pelé, buscando a proximidade com a realidade⁷, pode-se inferir que, possivelmente, a tentativa de subornar jogadores de futebol não fosse algo tão raro na época, tendo em vista sua inserção no filme projetado para ser de grande impacto no público. Neste caso, a postura de Pelé em rasgar o dinheiro é que seria o elemento raro. Mais uma vez, demonstrando a tentativa de exacerbar seu caráter incorruptível – essencial ao herói negro que se queria retratar.

Na sequência, Pelé tem a chance de jogar profissionalmente no Santos. É aí que começa a carreira de sucesso, sendo convocado para a Copa de 1958 e tendo jornais estampando a máxima da parteira: “Rei Pelé”. Nelson Rodrigues enfatiza na película: “Estamos vivendo à sombra dos negros plásticos, ornamentais, folclóricos do escrete” (CHRISTENSEN; CARDOSO, 1962), como que se redimindo por 1950.

O filme se encerra com a Copa do Chile, em 1962: “A história do filme começa com o nascimento de Pelé e chega até a sua recuperação, depois da contusão que sofreu recentemente, no Chile, na realização do Campeonato Mundial” (DIÁRIO CARIOCA, 10 ago. 1962, p.18). Porém, na versão disponível na Cinemateca de São Paulo, foram acrescentadas imagens posteriores a esse período, como a lesão na Copa de 1962, o milésimo gol em 1969 e outras imagens do Canal 100, referentes ao tricampeonato. Junto a esse acréscimo, o locutor declama: “Edson Arantes do Nascimento, o menino pobre que nasceu no Brasil, terra sem preconceito de cor, de raça ou de religião. Pelé, o menino pobre que se tornou rei” (CHRISTENSEN; CARDOSO, 1962). Corroborando tal assertiva estão as imagens das ruas, com velas acesas nas esquinas às vésperas da Copa de 1958, sugerindo o Candomblé, bem como o relato de Pelé – negro e pobre –, que foi alvo de racismo uma única vez em toda a sua vida.

Tais elementos confluem com Mario Filho e sua tendência a defender que não havia racismo no Brasil. Todavia, são incongruentes com o pensamento de Nelson Rodrigues, autor dos diálogos do filme, que já em 1948 teve um de seus atores barrados pela Comissão Cultural do Teatro Municipal. O ator era Abdias do Nascimento, um negro; a peça era “O Anjo Negro”, que necessitou ser estrelada por um ator branco pintado com tinta preta. Anos mais tarde, precisamente em 1967, Nelson Rodrigues escreveria em uma de suas crônicas: “Domingo último, escrevi sobre a nossa questão racial (outro óbvio que ninguém quer ver). Disse então que, no Brasil, os brancos não gostam dos pretos, ao passo que os pretos não gostam dos pretos” (RODRIGUES, 1993, p. 235).

Todavia, pensando em plano hipotético, é necessário ressaltar o apreço de Nelson pelo irmão Mario – já exposto por Santos (2012) –, sugerindo um esforço pela defesa dos ideais deste. Ainda hipoteticamente, tal apreço fraterno pode ter adentrado à película, tendo em vista que, como já ressaltado, Nelson Rodrigues era o responsável pelos diálogos do filme – o que, de certa forma, garante a Nelson uma posição privilegiada no desenvolvimento da trama, junto ao diretor e ao roteirista.

Quanto aos críticos, que esperavam um filme digno da proposta cinemanovista, estes não pouparam a obra:

⁷ Pensando esse amálgama entre ficção e realidade, pode-se dizer que tal película se aproxima do gênero docudrama. Isto é, um filme que, assim como o documentário, se respalda em uma história verídica (no caso, a vida de Pelé), mas que conta com o uso de dramatizações feitas por atores profissionais (ROSENTHAL, 1999).

‘O Rei Pelé’ é mais uma realização falha sobre um jogador, quando a singular vida de Edson Arantes do Nascimento era propícia a um filme realmente humano e denso (O ESTADO DE S. PAULO, 17 mar. 1964, p. 22).

Ainda está por ser feito um filme sério sobre Pelé. “O Rei Pelé” poucas vezes consegue fugir da mediocridade, com roteiro fraco e inconsistente, cenas de mau gosto e uma desastrosa mistura de jornal cinematográfico, realidade e ficção (O JORNAL, 22 out. 1963, s/p).

O filme “O Rei Pelé” merece ser visto pelo óbvio: Pelé. Mas, cinematograficamente falando, é de um primarismo quase total (ULTIMA HORA, 06 nov. 1963, s/p).

Aventura cinematográfica sem qualquer consequência, este “O Rei Pelé” nada representa no panorama do cinema nacional. Destinado a explorar, como fator de bilheteria, a popularidade do jogador Edson Arantes do Nascimento, pode ocasionalmente, pela presença deste, atrair às salas de projeção que o exibirem ao numeroso público amante do futebol mas, assim mesmo, não consegue reunir elementos que o façam um satisfatório passatempo para o espectador médio (SPIEWAK, 14 mar. 1964, p.20).

Entre outras críticas duras ao filme, muito se questionou o fato de o diretor ser argentino, quando a iniciativa do Cinema Novo era exatamente contemplar o brasileiro. Além de não corresponder às expectativas dessa então nova modalidade cinematográfica – apesar de a fita ter sido feita “por uma equipe de cineastas do novo cinema brasileiro” (DIÁRIO CARIOCA, 10 ago. 1962, p.18) –, a película acaba por reforçar (já na década de 1960) a dificuldade em colocar o futebol nas telas; especialmente, pela emoção que vem atrelada a tal prática, como também pela técnica dos atores – muito embora, no caso da versão disponível na Cinemateca de São Paulo, tenham sido utilizadas imagens do Canal 100, posteriores à estreia do filme.

3 VIAJANDO EM TORNO DE PELÉ

O que ouvimos é que, com toda a sua exibição de fatos, sua jactância de autenticidade, seu alardear de segredos íntimos, não passam de uma simplificação tendenciosa, são construções artificiais, elementos prementes na elaboração de uma imagem pessoal – em suma, (as autobiografias) não diferem das obras de ficção (GAY *apud* CALADO, 2009, p.103).

Muito embora a autobiografia assuma, em partes, o caráter ficcional, uma vez que estaria intimamente vinculada a construções artificiais, já que narrador e personagem tendem a se confundir na narrativa, não se pode negligenciar o pacto biográfico de que trata Philippe Lejeune (ALBERTI, 1991; CALADO, 2009; SANTOS, 2006). Tal pacto se refere exatamente à afirmação da identidade do autor no texto. Afirmação esta que está atrelada a uma intenção de verdade, estabelecida por outro pacto – o de sinceridade. Ou seja, o autor pretende que sua narrativa seja tratada enquanto um texto verídico, sincero e autêntico – todavia, essa intenção não garante o rompimento completo com a subjetividade do escritor, tal como será tratado a seguir. Esse julgamento com base na intenção de verdade é o que aproxima a autobiografia da História, ao mesmo tempo em que há a impossibilidade de se alcançar uma essência verdadeira. Começa-se, aqui, a delinear um gênero fronteiro que, apesar da tentativa de verdade, atinge acepções também literárias.

Sobre isso:

O que distingue a autobiografia do romance não é uma impossível exatidão histórica, mas apenas, o projeto, sincero, de retomar e de compreender sua

própria vida. É a existência de tal projeto que importa, e não uma sinceridade no limite impossível. Tanto é natural exigir de um autobiógrafo o projeto de dizer a verdade, tanto é ingênuo criticá-lo por não tê-lo conseguido (LEJEUNE *apud* CALADO, 2009, p. 109).

Sendo assim, na fusão entre autor e personagem, o escritor não consegue falar em uma verdade, porque ela não existe em si. A verdade a que se pode chegar é a do autor, isto é, as inexactidões que apontam para a sua visão de mundo, enquanto um sujeito social que fala de um lugar específico da sociedade e que, portanto, reforça o estabelecimento/rompimento de/ com determinadas memórias individuais e, principalmente, sociais (LE GOFF, 1990). Aí é que entra o interesse do historiador: o ponto de vista do autor, seus sentimentos e pertencimento em relação a situações históricas de que fez parte. Daí, também, a necessidade de verificação tanto da perspectiva textual – relacionada à característica da autobiografia, enquanto gênero –, quanto da dimensão contextual, isto é, de que lugar social o autor está falando (CANDIDO, 2000).

Ao tratar da autobiografia de Pelé, datada de 1961, inevitavelmente se devem ressaltar dois elementos: em primeiro lugar, o fato de ter sido pensada para a produção de um filme e, em segundo, por ter sido escrita por Benedito Ruy Barbosa.

O fato de ter sido escrita por Benedito Ruy Barbosa, ainda que este tenha acompanhado as narrações de Pelé, aponta para a possibilidade de que o escritor tenha filtrado informações ou mesmo as redesenhado por meio da escrita.

Eliana Calado (2009) considera a narrativa autobiográfica enquanto um dos resquícios da cultura que valoriza a subjetividade. E, aqui, a autora marca o papel do sujeito, segundo uma distinção entre individualidade e subjetividade – é localizado nesta que o sujeito ultrapassa sua dimensão individual, estabelecendo-se enquanto um “sujeito globalizante”, isto é, construído não apenas por si próprio, como também por outros sujeitos, pelo contexto em que se insere e pela posição que toma para si, socialmente. É esta a subjetividade que interessa ao historiador e é nesse sentido que não se pode pensar o sujeito enquanto um ser isolado, que só existe por si mesmo.

Em *Eu sou Pelé*, isso é ainda mais evidente, já que se depara com um Pelé revisitando o que viveu e com um Benedito criando literariamente toda essa lembrança – daí a perspectiva fronteiriça da autobiografia (CANDIDO, 2000; GINZBURG, 2004).

Assim, concorda-se com Santos (2006): a autobiografia é a opção de um sujeito em narrar sua própria vida, muito embora tal narrativa não seja o que a autora chama de “vida vivida”. Tratar-se-ia, sim, da transformação do vivido no contado, isto é, a reinterpretação da vida do autor por ele mesmo, influenciado por sua visão de mundo, bem como pelo modo com que ele quer ser visto pelo mundo (CANDIDO, 2000). É esta característica que confere ficcionalidade à autobiografia – “ficcionalidade, mas não falseamento” (SANTOS, 2006, p. 4). Ou seja, o autor ficcionaliza sua própria vida, escrevendo-a como se fosse a um enredo. Um enredo da vida (re)contada. Sem invenções, porém, ao mesmo tempo, repleto de ficção, sendo isso o que dificulta a localização da autobiografia enquanto História ou Literatura, sendo mais cabível pensar em um espaço de intersecção entre ambas.

A vida (re)contada de Pelé em *Eu sou Pelé* é deveras semelhante ao filme *O Rei Pelé*, começando com uma nota sobre a película, passando pela infância, adolescência e auge de

Pelé. Com menos retoques rodrigueanos e pouca dramaticidade, a autobiografia em questão se atenta a contemplar a normalidade da vida de Pelé. Sem prenúncios ou enredo de aclamação heroica.

No sentido inverso está a biografia *Viagem em Torno de Pelé*, escrita por Mario Rodrigues Filho apenas dois anos depois (1963). Sem deixar claras as fontes utilizadas, Mario Filho narra a vida de Pelé em cinco capítulos: “O Menino”, “O Caminho”, “O Destino”, “A Glória” e “O Reino” – dando indícios de também seguir uma linha temporal de narrativa. Entre uma série de descrições romanceadas, o autor parece criar uma versão própria da soma da versão da autobiografia com o filme, chegando, inclusive, a narrar com certa onisciência:

Agora, correndo em campo, Pelé se sentia com asas. Não voava, mas se trouxesse as mãos ao peito e mexesse com os cotovelos para cima e para baixo, voaria. Passou por um jogador enorme, era Rossi, não se espantou de ter driblado Rossi. Tudo lhe parecia natural (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 101).

Ao afirmar que “Pelé se sentia com asas”, “não se espantou de ter driblado Rossi” ou “tudo lhe parecia natural”, Mario Filho parece saber sobre o intrínseco do jogador. É de se supor que, tendo em vista o lançamento da primeira autobiografia de Pelé e na sequência do primeiro filme sobre o jogador, Mario Filho tenha tentado pegar carona no assunto do momento. É bastante provável, portanto, que o literato tenha, propositadamente, criado a sua versão de Pelé – mesmo porque a concepção de biografia, na década de 1960, era distinta da dos dias atuais e seria anacrônico pensá-la segundo as referências de hoje.

No que se refere à prática biográfica realizada por jornalistas, Schmidt destaca o diálogo com o movimento do *New Journalism*, que surge na década de 1960 nos Estados Unidos, quanto ao uso de técnicas ficcionais de escrita em textos de não ficção (SCHMIDT, 1997).

Mas, tal como afirma Schmidt, essa seria apenas uma forma moderna da comum corrente jornalística: o jornalismo literário. Ora, o jornalismo literário era já uma prática muito recorrente nos jornais brasileiros do início do século XX, quando muitos literatos escreviam colunas diariamente, como fonte de renda⁸, acabando por imprimir tons de literatura na narrativa de determinado fato do cotidiano. O jornal *Crítica*, da família de Nelson Rodrigues e Mario Filho, por exemplo, já figurava de modo muito próximo a essa perspectiva, exagerando os fatos e lapidando notícias, no sentido de torná-las mais atraentes (CASTRO, 1992; SANTOS, 2012). Tal modo de escrever a notícia, todavia, afastar-se-ia cada vez mais da literatura, com a especialização dos jornais, que passaram a buscar maior proximidade ao tratamento neutro e objetivo do fato (LUCA, 2008).

Voltando ao gênero biográfico, pode-se compreendê-lo, portanto, enquanto um gênero também constituído a partir do tratamento literário – ou linguagem literária – dos dados e entrevistas (as fontes, em sentido geral) acerca do biografado.

A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro. Talvez este seja o grande desafio do trabalho biográfico: ao falar do seu personagem, o biógrafo, de certa forma, fala de si mesmo, projeta algo de suas emoções, de seus próprios valores e necessidades (AVELAR, 2010, p. 166).

⁸ Nomes como Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, José de Alencar, João do Rio, José Lins do Rego, Mário e Oswald de Andrade e, posteriormente, Nelson Rodrigues, viam no jornal um veículo de renda, que a publicação de livros não dava conta (CANDIDO, 1992; CAPRARO, 2007; SANTOS, 2012).

Tal como apontam Tavalier e Costa (2010), o questionamento sobre os biógrafos se direciona aos motivos que os levaram a tratar da vida de determinado personagem em detrimento de outro. Não se trata de negar a autonomia do autor quanto a essa escolha. Ao contrário: trata-se de identificar quais as afinidades – entendidas aqui enquanto critérios pessoais – o levaram a tal, contemplando, mais uma vez, os preceitos de Antonio Candido (2000), a respeito do amálgama entre texto e contexto na obra literária.

Dessa forma, Mario Filho se utiliza da biografia para viajar em torno de Pelé, construindo o herói mulato e dialogando com o que seria seu empreendimento literário futuro: a segunda edição de *O Negro no Futebol Brasileiro* (ONFB), em 1964. Com a narrativa sobre um garoto pobre, negro e desconhecido, que se torna mundialmente aclamado por meio do futebol, é provável que o autor estivesse preparando os dois capítulos que seriam acrescentados na edição de ONFB de 1964. Explica-se.

Em fins da década de 1930, bem como ao longo das de 1940 e 1950, prevalecia em torno do futebol a iniciativa de um elemento autenticamente nacional, cujas raízes foram estabelecidas por Gilberto Freyre – em sua reflexão sobre as relações entre a casa-grande e a senzala –, e disseminadas por cronistas esportivos, baseados no exemplo do futebol (HELAL; GORDON JR, 1999). Entre os principais literatos freyreanos, estão José Lins do Rego, Mario Filho e também Nelson Rodrigues. Assim como Mario Filho, José Lins do Rego mantinha uma relação bastante próxima a Gilberto Freyre, permeada por uma admiração recíproca. O primeiro defendia o futebol de maneira “radical”, tratando de questões da constituição da raça e identidade brasileiras, bem como reafirmando a história do futebol de maneira quase literária, aos moldes dos ensaios produzidos por Freyre. Na obra ONFB, Mario Filho buscou mostrar a participação do futebol na formação de uma nação integral, a partir das relações raciais no esporte que, para o autor, teriam superado as tensões uma vez existentes (SANTOS, 2012). É o que explicam Helal e Gordon Jr:

Como num quebra-cabeça, partindo de “causos” (alguns talvez fictícios) da tradição oral do futebol, Mario Filho teria recortado e montado uma estrutura narrativa, cujo objetivo era mostrar como o futebol teve uma participação decisiva na democratização racial e, portanto, na construção de uma nação integral (HELAL; GORDON JR, 1999, p.148).

Tal narrativa acerca do futebol une as lembranças pessoais do autor a uma pesquisa baseada em fontes orais, e é com base nesse ensaio que José Lins do Rego e Gilberto Freyre enxergam dois fenômenos derivados do futebol – o legado étnico negro e a música incorporada ao modo de jogar (HOLLANDA, 2003). Desse modo, um dos principais elementos identitários colocados é a miscigenação brasileira, que antes causava vergonha e era tratada como responsável pelo atraso do país, mas que, no futebol, teria se caracterizado como o motivo dos bons resultados diante dos demais países (SOARES; LOVISOLO, 2003). Freyre debate não apenas sobre a necessidade de se estabelecer uma identidade brasileira, mas também elaborou uma tese a respeito do que viria a ser uma brasilidade, pautada na cultura, representada por comportamentos como a malemolência e a criatividade. É neste sentido que a escolha do futebol como expressão do povo brasileiro se encontra com a perspectiva freyreana: como um traço essencial e positivo da formação da sociedade brasileira (FACINA, 2004).

Sob essas perspectivas, a crônica esportiva (via de regra, futebolística) desenrola, sobretudo nas décadas de 1940 e 1950, um alinhamento freyreano no que diz respeito

à relação entre o futebol e a identidade nacional. Um dos principais elementos identitários colocados é a miscigenação brasileira, que antes causava vergonha, mas que, no futebol, teria se caracterizado como o motivo dos bons resultados diante dos demais países (SOARES; LOVISOLO, 2003). Mario Filho, ao tratar do negro no futebol brasileiro, não disseminou apenas a tese freyreana, mas também, e principalmente, um “freyrismo popular” (SOARES, 2001).

Entre os principais literatos freyreanos, além de Mario Filho, estão José Lins do Rego e, por maior influência daquele, Nelson Rodrigues. Estabelece-se, assim, a crença em uma característica tipicamente brasileira ao jogar futebol, baseada na agilidade e improvisação, que diferenciava os jogadores nacionais dos demais, enaltecendo a mestiçagem e a malandragem.

Retornando ao embasamento do estudo de Capraro (2007), infere-se que a essência da unidade desses intelectuais era, sobretudo, afetiva. Assim como José Lins – que trocava cartas com Gilberto Freyre –, Mario Filho mantinha uma relação muito próxima ao intelectual, chegando a adaptar sua narrativa acerca da ascensão do negro por meio do futebol à teoria freyreana. Em ONFB, de 1947, Mario Filho estabelece uma interpretação da tese de Freyre, culminando com o que seria, tal como aponta Soares (2001), um “freyrismo popular”, ao defender que no Brasil as relações entre negros e brancos seria pacífica, não havendo, portanto, racismo.

Se a versão de 1947 sofreu críticas por apontar para certa harmonia racial, sobretudo com a ascensão social do negro por meio futebol, a versão de 1964 traria a estética narrativa similar à utilizada em *Viagem em Torno de Pelé*. Os capítulos acrescidos em ONFB foram “A aprovação do prêto” e “A vez do prêto”. Naquele, Mario Filho aborda a falta de confiança no jogador negro, que seria bêbado, corruptível ou vendido, demarcando um racismo, cujo recrudescimento teria se dado com a derrota em 1950. Ora, tanto na autobiografia quanto no filme *O Rei Pelé* foi relatado o episódio em que o pai de Silene (colega branca de Pelé) tentara subornar o craque, que honrosamente recusara a se vender.

Já no último capítulo, o literato descreve as vitórias em 1958 e 1962 como as grandes conquistas da nação brasileira mestiça e miscigenada, expressa pelas figuras de Garrincha e Pelé, sobretudo. Retomando a máxima de que só houve o recrudescimento do racismo em 1950, porque o brasileiro não sabe perder. Em situações “normais”, como em 1958 e 1962, esse racismo já não existe, dando a vez ao negro. O que parece é que o autor continua a defender a tese da edição de 1947, acerca da ascensão social do negro, porém, explicitando momentos supostamente isolados de racismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao partir da análise da autobiografia *Eu sou Pelé* (1961) e da biografia *Viagem em torno de Pelé* (1963), duas outras obras vieram à tona: o filme *Rei Pelé* (1962) e o ensaio *O Negro no Futebol Brasileiro* (1964). Dessa forma, ao investigar acerca da autobiografia de Pelé, redigida por Benedito Ruy Barbosa, percebeu-se que esta estava sendo elaborada com a perspectiva de se transformar em um filme sobre o jogador. Tal película contou com o roteiro do próprio Ruy Barbosa e diálogos de Nelson Rodrigues, o que aponta para uma cópia relativamente fiel da autobiografia – não fossem pelos enigmas e exageros teatrais rodrigueanos. Assim, coadunado à obra *Eu sou Pelé*, o filme se apresenta centrado em três aspectos, todos com vinculação racial: 1) a derrota de 1950, 2) o roubo dos amendoins e 3) a recusa ao suborno.

A derrota de 1950 aparece enquanto a decepção que encoraja Pelé a ser um herói nacional. Não apenas devido à vitória do Uruguai, mas possivelmente pelo recrudescimento do racismo que, segundo Mario Filho, fez de réus Juvenal, Bigode e Barbosa. Diante disso, mais do que vingar uma tristeza, Pelé teria a missão de resgatar a harmonia racial, supostamente perdida em 1950.

Sobre o roubo dos amendoins, este aparece como um mal necessário, porém ingênuo. As crianças roubam para comprar o uniforme da equipe, porém continuam a jogar descalças, pois a chuteira era muito cara. A inocência está em jogarem descalças, haja vista que poderiam continuar roubando até adquirirem o necessário para a compra dos calçados.

Por fim, a recusa ao suborno é retomada quase que integralmente por Mario Filho ao tratar da desconfiança existente contra o negro. A situação exposta na película defende a ética de Pelé, como que comprovando a honestidade do negro – questionada por um branco que pressupõe que, pelo fato de Pelé ser negro e pobre, é natural que queira se vender.

Todas as situações, timidamente descritas na autobiografia, ganham força na película, no sentido de reafirmar o elemento da raça atrelado ao futebol. Daí a perspectiva de tratar *Rei Pelé* como uma extensão de *Eu sou Pelé*, pensando o filme, no contexto do Cinema Novo brasileiro, enquanto uma grande ferramenta de reverberação e firmamento da identidade e harmonia nacionais.

Sob esse prisma, verifica-se que a biografia *Viagem em torno de Pelé*, publicada um ano depois da estreia do filme, de autoria de Mario Filho, irmão de Nelson Rodrigues, traz um amálgama entre a autobiografia e a película. Mario Filho, tal como apontado, traz onisciência em sua narrativa, embora se tratasse de uma biografia. A partir de um enredo que conta a superação de um menino pobre, que se transformou em rei do futebol, Mario se utiliza essencialmente dos relatos de Benedito Ruy Barbosa, sem deixar o tom profético dos diálogos de Nelson Rodrigues, mas acrescentando o pensamento de Pelé sobre o futebol. O esporte, mais do que mera profissão, é retratado como a própria vida de Pelé, utilizando o árduo enfoque da ascensão social por meio do futebol, indicando para o freyrismo popular, tratado anteriormente. É aqui que chegamos ao ONFB.

Ao construir esse personagem em 1963, Mario Filho parece engatilhar os dois capítulos que foram acrescentados à obra ONFB, em 1964. Sobre o freyrismo popular, a harmonia racial e a identidade brasileira pautados no futebol mestiço, ainda que de maneira bastante breve, é possível identificar o trajeto realizado por Mario Filho, para a escrita da segunda edição de ONFB. É a partir de uma autobiografia, transformada em filme e retratada em uma biografia (escrita pelo próprio Mario Filho) que surgem os polêmicos capítulos de 1964.

Assim sendo, percebe-se que todas as obras tratadas estão relacionadas por um único objetivo: mitificar Pelé, por meio do enaltecimento ao mestiço – característica identificada à época como tipicamente brasileira. A intenção de mitificação de Pelé corresponderia a um natural esforço clássico das biografias e autobiografias que, em geral, centram em uma figura famosa ou socialmente relevante. Tal seria o caso, se não estivéssemos falando dos irmãos Rodrigues. Mais do que enaltecer a figura de um craque, tais produções confluem com um esforço anterior, patenteado por Gilberto Freyre: o de comprovar, por meio do futebol, a existência de uma harmonia racial no Brasil. Para tal, nada melhor do que um negro, no auge de sua carreira futebolística e mitificada.

Possivelmente, Mario Filho tenha se pautado na figura de Pelé exposta na película, como o grande exemplo da existência da harmonia racial de que falava em 1947: “Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer barreiras raciais do que Pelé. Tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da Terra. Quem bate palmas para ele, bate palmas para um preto” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 16). Isto é, não se trata do envolvimento de Pelé com as causas raciais, mas sim da ascensão do craque, por meio do futebol, que, como que de forma naturalizada, romperia com o racismo e promoveria a harmonia racial.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 13-31, abr./jun. 2009.
- ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões/UFES**, n. 24, p. 157-172, 2010.
- CALADO, Eliana Alda de Freitas. Da História ou da Literatura? O Limbo das Autobiografias. **Saeculum - Revista de História**, n. 20, p.103-110, jan./jun. 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Quatro, 2000.
- CAPRARO, André Mendes. **Identities Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX**. 2007. 374f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2007.
- CAPRARO, André Mendes; SANTOS, Natasha; LISE, Riqueldi Straub. O enredo da vitória – seleção brasileira de futebol e identidade nacional (1950-1970). **Record: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 2, p. 1-23, jul./dez. 2012.
- CARVALHO, Maria do Socorro. Cinema Novo Brasileiro. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. São Paulo: Papius, 2006. p. 289-310.
- CHRISTENSEN, Carlos Hugo; CARDOSO, Fábio. **O Rei Pelé**. [Filme]. Produção de Fábio Cardoso, direção de Carlos Hugo Christensen. Brasil, 1962.
- DIÁRIO CARIOCA. Busca de Pelé é caso sério: cinema nacional. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p.18, 10 ago. 1962.
- DIÁRIO DA NOITE. Tudo pronto para o filme: só faltam garotos “Pelé”. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, s/p., 29 set. 1962.
- EWALD, Felipe Grüne. Memória e Narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. **Revista eletrônica de crítica e teorias da literatura**. Dossiê: oralidade, memória e escrita, v. 4, n. 2, jul./dez. 2008.
- FACINA, Adriana. **Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma Ilha é uma Ilha**: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GLOBO.COM. **Benedito Ruy Barbosa**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/benedito-ruy-barbosa/trajetoria.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cesar. Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, v.13, n.23, 147-165, 1999.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. 2003. 374f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MELO, Victor Andrade de. Eficiência x Jogo de Cintura: Garrincha, Pelé, Nelson Rodrigues, cinema, futebol e construção da identidade nacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.20, n.4, p.281-95, out./dez. 2006.

NASCIMENTO, Edson Arantes. **Eu Sou Pelé**. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo, 1961.

O ESTADO DE S. PAULO. O Rei Pelé. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p.22, 17 mar. 1964.

O JORNAL. "O Rei Pelé" não chega a ser um gol: o dribling foi no expectador. **O Jornal**, Rio de Janeiro, s/p., 22 out. 1963.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RODRIGUES FILHO, Mario. **Viagem em Torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSENTHAL, Alan. (Ed.). **Why docudrama?** Fact-fiction on film and TV. Carbondale: Southern Illinois University, 1999.

SANTOS, Márcia Pereira dos. A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografias: contribuições ricoeurianas na escrita da história. **Emblemas**. Revista do Departamento de História e Ciências Sociais, v. 1, n. 2, s/p, 2006.

SANTOS, Natasha. **Freud explicaria isso?** Os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues (1951-70). 2012. 136f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2012.

SANTOS, Natasha; LISE, Riqueldi Straub; CAPRARO, André Mendes. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mario Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. **Movimento**, v.16, n. 4, p.191-208, out./dez. 2010.

SOARES, Antonio Jorge. Futebol Brasileiro e Sociedade: a Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre. *In*: **Futbologias**. Fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003. p. 145-162.

SPIEWAK, José Julio. O Rei Pelé. **Diário de São Paulo**, São Paulo, p.20, 14 mar. 1964.

TAVALER, Salo. COSTA, Vera Lucia. Biografia em Educação Física: sua problemática e abrangência. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 21, n. 1, p. 313-320, 2.trim. 2010.

ULTIMA HORA. Nacionais. Rio de Janeiro, 31 jul. 1962, s/p.,

ULTIMA HORA. Pelé. Rio de Janeiro, 6 nov. 1963, s/p.

